



SESSÃO SOLENE DOS 48 ANOS DO 25 DE ABRIL

25 de Abril de 2022

Discurso do Deputado Rui Rio (PSD)

Senhor Presidente da República
Senhor Presidente da Assembleia da República
Senhor Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo
Senhoras e Senhores convidados
Senhoras e senhores Deputados

Celebramos hoje os 48 anos do 25 de Abril.

Fazer um discurso em homenagem à Revolução dos Cravos e, por conseguinte, em defesa da democracia, não pode ser, tantos anos depois, um mero repositório de afirmações laudatórias mil vezes repetidas.

Uma coisa, é a importância e a gratidão que todos devemos a quem nos proporcionou a liberdade há quase meio século atrás. Coisa diferente, é honrar esse ato histórico que nos libertou da ditadura, com uma análise séria e corajosa da situação em que se encontra, hoje, o regime que nessa data se fundou.

Aqueles que arriscaram o seu futuro e, nalguns casos, a sua própria vida, para que o País pudesse viver em democracia, merecem que os homenageemos de forma genuína; ou seja, defendendo sempre os valores que, eles, heroicamente nos ofereceram.

E defender esses valores, é, antes do mais, ter a coragem e a frontalidade para apontar o que com o tempo se foi degradando e, dessa forma, enfraquecendo os principais propósitos do 25 de Abril.

Se para alguns de nós a Revolução dos Cravos é uma memória bem presente e intensamente vivida, a verdade é que para a maioria dos portugueses ela já é apenas mais uma data histórica ocorrida antes do seu nascimento.



Também por isso, se impõe que a evocação do 25 de Abril seja um momento de autocrítica sério e realista do trajeto que temos seguido. Porque ficar pelo simples elogio do passado, é objetivamente renunciar ao futuro.

Numa sociedade que muda a uma velocidade nunca antes sentida pela humanidade, a necessidade de reformar o que ainda há pouco se reformou, é uma evidência com que temos vivido e com que vamos ter de viver cada vez mais intensamente.

Em democracia, esta realidade gerou um desafio de contornos contraditórios, que a sociedade tem tido dificuldade em equilibrar.

Se é justo responsabilizar a política porque ela não tem tido a coragem de fazer as reformas estruturais que o desenvolvimento do País reclama, a verdade, é que a maioria do eleitorado, também valoriza muito mais a promessa fácil da benesse imediata, do que a realização das reformas que preparam o seu futuro.

Esta contradição, entre a necessidade dos votos para ganhar as eleições e a necessidade de responder à evolução da sociedade, sempre existiu, mas, no tempo presente, dada a voracidade dessa evolução, ela é cada vez mais evidente e, diria eu, bem mais preocupante.

Ela é uma das principais razões para o descrédito em que a vida pública tem caído, porque o eleitorado que hoje escolhe o caminho mais fácil, é o povo que amanhã se queixará da ineficácia da governação que escolheu.

Ao cabo de 48 anos, esse descrédito e o descontentamento popular que lhe está associado, foram-se transformando nos principais suportes de novas forças extremistas, que, com a sua tradicional demagogia, procuram saciar os impulsos emotivos de quem está mais fragilizado.

A solução para travar o crescimento dos extremismos não são absurdos "cordões sanitários", nem é a desqualificação do voto de quem neles aposta.

A solução está em nós próprios. A solução está em enfrentar a realidade sem cobardia nem hipocrisia. Está em reformar, ou diria melhor, em romper com o que há muito está enquistado e ao serviço de interesses setoriais ou de grupo. Romper com tudo aquilo que não funciona de acordo com a lógica do interesse coletivo, mas sim em função do setor ou da corporação a quem o imobilismo aproveita. É este o primeiro motivo que estrangula o desenvolvimento do nosso País e alimenta o desencanto que hoje existe.



A alteração do sistema eleitoral; a revisão constitucional; a reforma da Justiça; a descentralização; a lei dos partidos políticos e a sua lógica de funcionamento, ou uma reforma do Estado que fomente a qualidade e a produtividade dos serviços públicos e permita a redução dos impostos, são tudo exemplos de matérias que carecem de adequação aos tempos que vivemos.

Mas também uma atitude política de firme combate à corrupção e fundamentalmente ao tráfico de influências, de real autonomia face à atual lógica de funcionamento da comunicação social, de renúncia à política-espetáculo e de reforço da verdade e da competência, de coragem para se ser mais forte com os fortes do que com os fracos e, principalmente, de genuinidade e coerência entre as palavras e os atos, são tudo formas de estar que, se forem corrigidas no sentido certo, ajudarão, seguramente, à credibilização da vida pública e ao renascer da esperança que o 25 de Abril nos trouxe, mas que o tempo e os Homens têm deixado enfraquecer.

Senhor Presidente,

Se queremos um Portugal virado para o futuro, que não se atrasa cada vez mais na escala europeia e que não quer continuar a ver os seus jovens a emigrar, então teremos de ter o rasgo de fazer diferente, atuando coerentemente sobre as verdadeiras causas do nosso problema.

Os que, há 48 anos, nos deram a liberdade e a democracia merecem que assim o façamos. Merecem que saibamos construir o Portugal com que eles sonharam e, pelo qual, tudo arriscaram. Porque é esse o Portugal que vale a pena.